

### A crítica e arte

BR.TBES.C. 400

2



Renato Saudino: "Crítica é um terreno perigoso. Uma frase pode jogar pra cima ou destruir um espetáculo."



Tinoco dos Anjos: "Quem está sendo lido é o crítico, não o jornalista."



Agostino Lazzaro: "O crítico e o artista devem ser pensadores do seu tempo."



Oscar Gama: "As vezes uma opinião bem intencionada de um crítico pode se transformar numa verdade eterna. E isso é perigoso."



Kleber Galvêas: "A crítica é uma coisa muito complexa."

## Os artistas analisam a crítica

Gleicy Coutinho

**A**GAZETA — Kleber, você que é artista plástico, como é que você vê a crítica em artes plásticas, que acho que foi a última a ocupar um espaço nos jornais aqui do Espírito Santo?

Kleber Galvêas — A gente sentia muita necessidade de ocupar este espaço aqui, porque a ideia era abrir galerias e vender outras galerias serem abertas aqui na cidade, nós vimos que isto iria possibilitar o aparecimento de um crítico. Quer dizer, a galeria ia fornecer material para o crítico trabalhar.

A GAZETA — A crítica é importante para você ver como anda o seu trabalho?

Kleber — A crítica é importante, mas no sentido de bom ou mau, não. A crítica é muito importante nas artes plásticas porque a arte em si é uma coisa muito complexa. Até hoje não se tem uma definição ou seja a crítica. E crítica de arte é uma coisa ainda mais complexa, já que não há uma conceitualização universal para a arte. Carlos Chenier — Há uma corrente que necessitaria de um linguajar mais específico. Eu, pessoalmente, sou contra porque criaria um tipo de terminologia dentro do jornal e só os entendidos saberiam o que o crítico estava falando. Isso já acontece nas capitais maiores. Mas, na realidade, o grande público não participa porque eles estão falando de tipologia, de vários fatos filosóficos para chegar ao quadro. Então eu acho que no momento atual cabria a ênfase para a crítica emboladora, como se diz na grã, o meio-de-campo, porque a crítica é muito recente.

Oscar Gama — Deve-se fazer uma distinção bastante clara entre a crítica de jornal e a crítica que está nos umbrais da Universidade, que é mais a crítica de livros. A crítica de jornal ela não tem um espaço tão grande, mesmo em termos físicos para que possa se movimentar e a exigência do público que a recebe impede que ela se aprofunde demais. Talvez o crítico de jornal deveria ser chamado mais de comentarista artístico do que ser premiado com este termo crítico, que ultrapassa os limites do subjetivismo, os limites da simples qualificação do que é bom ou o que é ruim.

Tinoco dos Anjos — Eu concordo com Oscar quando ele coloca diferença entre o crítico e a pessoa que escreve em jornal, que ele chama comentarista. Acho que essa distinção é correta. Agora, eu queria colocar o seguinte: quem está sendo lido é o comentarista, não é o crítico. Então é por isso que a gente tem que discutir como o artista vê a crítica que está sendo consumida. É uma crítica mais superficial, menos profunda, mas é ela que está sendo consumida. Então, resolvemos ouvir as pessoas que normalmente são citadas nas críticas para saber o que essas pessoas pensam do trabalho desses comentaristas de imprensa que nem são lidos. As vezes nem conseguem publicar suas obras. Então o propósito do debate, é as pessoas que escrevem no jornal, ou, Chenier, Amylton somos as pessoas que estão sendo lidas. Por isso vocês foram convidados para dar opinião sobre esse trabalho. Acho que a discussão deve ser encaminhada nesse sentido. O que os artistas acham do trabalho que é feito pelos críticos na imprensa local.

Chenier — A pesquisa é da maior importância, mas a informação tem que ser muito direta e objetiva. Não podemos nos perder em informações filosóficas quando, na realidade, a informação é, se é bom ou não. Por que eu vou entrar em informações estéticas de arte para que eu me tornar bastante repetitivo e vou acabar ali perdendo o leitor. Então, acho bem melhor se usar um linguajar comum para não cair como os economistas, no economês. Queriam fazer uma ressalva pelo fato de a crítica no Estado em termos de artes plásticas ser muito recente.

Oscar — Eu discordo de alguns termos usados por Chenier, quando ele fala em filosofia em tom pejorativo. Eu acho que filosofia não tem nada a ver com crítica literária científica, muito pelo contrário. Discordo também do argumento quanto a repetitividade. Acho que você pode fazer crítica técnica mesmo bem feita sem ser repetitivo. Um exemplo de crítico que escreve muito em jornais é José Guilherme Merichior. Nem todo o mundo o lê porque se lessem iriam ficar de saca cheio. Ele é um crítico de muita erudição...

Chenier — Eu estou falando sobre artes plásticas. Ele é um crítico literário.

Oscar — Este é um outro ponto também. A sua crítica se beneficia do fato de ser feita com o mesmo sistema de signos que é utilizado. Ou seja, nas artes plásticas você tem que fazer uma tradução, ou seja na linguagem que as artes plásticas têm de um sistema de formas, para a linguagem de signos. Então a crítica literária é muito mais possível do que a crítica de artes plásticas. Seria o mesmo que pedirmos ao Kleber para pintar a V Sinfonia de Beethoven.

Chenier — Isso não é um absurdo, porque dentro do abstracionismo lírico se tentava colocar a música através do gestualismo.

Oscar — O absurdo não existe na possibilidade de ser feito. O absurdo reside em dizer que aquela pintura é a expressão da V Sinfonia de Beethoven quando, na realidade, ela é uma obra de arte que não tem nada a ver com a que teria originado. Se a dessemos a 500 pintores, todos eles produziram obras diferentes. Eu acredito que a crítica sofre de uma falta de recursos para analisar o seu objeto. Prefiro falar da crítica literária, com a qual eu estou mais familiarizado. Acho que a crítica subjetiva que diz que algo é bom e algo é mau é uma péssima crítica. A arte não é boa ou é má.

Chenier — Tem arte bem feita e má feita.

Oscar — Não existe isso, Kleber.

A GAZETA — O crítico que diz que uma obra de arte é boa ou má ele tem que dizer por que ele é bom ou má.

Chenier — É uma questão de conhecimento real da coisa.

A GAZETA — O jornal analisa a obra para o leitor que vai comprar um jornal de Cr\$70, que compra um disco, que não tem acesso aos livros do Merichior, ou que não gosta ou acha chato, ou que tem muita palavra difícil. A pessoa, a grosso modo, os novos ricos, que são os que compram quadros, eles não vão ler crítica profunda. O máximo que eles vão ler é o "Jornal do Brasil" "O Globo" ou a GAZETA, quando não para uma questão de mercado. Afinal, um quadro é um investimento. Então, o que a gente quer e referir é a crítica que atinge o leitor comum.

Kleber — Essa crítica tem que ser muito responsável, porque já observei que, às vezes, as pessoas costumam referir-se a um pintor porque já falaram nele na GAZETA ou ele já apareceu na televisão.

Luiz Tadeu Teixeira — Você tem um quadro de citações de um filme no jornal, por exemplo, onde o crítico dá cinco estrelas para um filme que outro dá bolinha preta. Então, acho que isso não serve para o leitor. Eu acho que a pessoa que escreve deve forçar o leitor elementos para que ele próprio tire sua conclusão. Se vale a pena arriscar, porque tem que haver uma margem aleatória. Porque o conceito pessoal vai até certo ponto. Tem-se que permitir ao leitor a sua opinião, do contrário viria a uma atitude salista. Querendo impor ao leitor que aquilo é bom ou ruim. Alí a gente está querendo impor um ponto de vista e passa a ser é como um livro, que é uma obra solitária. (O cara entra num quarto sozinho e escreve a seu livro, o pintor também). No caso do processo, é de repente uma pessoa, numa penada, destrói um todo um trabalho em cima... Então eu acho que você ficar no bom e no ruim é até uma crítica má feita para as pessoas que não têm acesso à possibilidade de atingir a opinião pública do mesmo modo que o jornalista.

ANGAZETA — Então, para você a crítica tem que ser informativa e formativa?

Tadeu — Eu acho que ela tem que ser informativa, porque a gente tem que partir do princípio de que o espectador tem que manifestar-se por si só, independentemente de qualquer tentativa de seduzi-lo com um conceito pré-estabelecido.

Oscar — Eu dou aqui um exemplo de uma forma de arte que até

O ano inteiro os críticos falam sobre os espetáculos apresentados na cidade. Teatro, cinema, shows, televisão. Tentamos fazer uma mesa-redonda com os críticos de A GAZETA e, depois de exaustivos telefonemas a mais de 20 pessoas ligadas às artes, algumas se encontravam viajando, outras tinham compromisso e outras simplesmente se negaram a participar.

Enfim, conseguimos reunir cinco artistas e dois críticos com os quais debatemos durante uma hora e meia. Participaram Carlos Chenier, crítico de artes plásticas de A GAZETA; Tinoco dos Anjos, crítico de teatro de A GAZETA; Luiz Tadeu Teixeira, ator; Agostino Lazzaro, ator; Renato Saudino, diretor de teatro; Kleber Galvêas, artista plástico; e Oscar Gama, escritor.



Luiz Tadeu: "Perigoso é quando a crítica tem possibilidade de delimitar o destino de um trabalho."



Carlos Chenier: "A medida que você divulga o artista, está dando chance a ele de conseguir mercado."



há bem pouco tempo não era nem considerado arte! O kishu, que foi resgatada pela teoria artística contemporânea e é analisado como um fenômeno da maior importância. Dentro do próprio teatro, o gressoso é fundamental.

Chenier — Nós precisamos nos ater ao seguinte: quem faz teatro são pessoas que realmente conhecem teatro, conhecem a linguagem do teatro. Agora, eu, por exemplo, que não conheço teatro, não vou me meter a fazer teatro usando o kishu. Você percebe facilmente a diferença entre uma coisa bem feita e uma mal feita. Desde um objeto feito em fábrica, a coisas artesanais. Há artesões e artesãos, é uma questão de mais talento e menos talento. Competência.

OSCAR — Olha, o Malarme fez um poema na época dele chamado "Um Lance de Dados", que mudou toda a face do que era o poema antes do século XIX e foi considerado pela crítica um fracasso.

Tadeu — O próprio Van Gogh, se tivesse esperado pelos críticos, da época dele, seria um pé-de-cachorro até hoje.

Kleber — E, até os impressionistas... Só se comprova obra de quem participava do salão oficial. Alí os impressionistas fizeram o salão independente.

A GAZETA — Modigliani morreu sem ter suas obras reconhecidas.

Kleber — Acho que a crítica tem dois aspectos: um particular e um geral. Na hora que eu fiz aquela observação eu estava me referindo à orientação, o pintor orientar-se pela crítica. Eu acho que o artista deve trabalhar independente.

Renato Saudino — Agora ele tem que falar sobre o particular, e falou sobre o geral.

Tinoco — Eu acho que o crítico que trabalha em jornal tem que procurar evitar ao máximo essa tendência ao facismo pelo poder que tem, de publicar sua opinião num veículo que vai ser lido por muita gente. Mas o fundamental é estimular o debate em torno da obra. Ao colocar a sua opinião sobre a obra ele está se colocando como uma pessoa do público que dá sua opinião sobre a obra. É importante que saia a crítica sobre a obra para estimular o debate. Porque todo o mundo vê, volta para casa e acaba. Então, o importante é que estas pessoas escrevam. O ideal seria que todas as pessoas tivessem um veículo para expressar sua opinião. Alí seria um grande debate. Acho que é preciso ter cuidado. A pessoa nunca deve usar isso em excesso, nunca achar que é o dono da verdade. Há críticos, por exemplo, que usam expressões perigosíssimas assim: "Não vá ver este filme". "Não compre este disco". Alí você já está manipulando o público para não comprar a obra. Eu quero que o cara vá ver a peça para comparar a opinião dele com a minha, para surgir a discussão. Quando você faz uma crítica sobre teatro aqui, você fala de pessoas que todo o mundo conhece, de pessoas que você vai ler a crítica. Se o convívio. O nome delas está no jornal, a fotografia, é um negócio muito sério. Então não é o caso de cinema e literatura. Se você esculhambar o Marlon Brando, ele não vai ler a crítica. Se mas se falar mal do Renato Saudino eu tenho que saber o que eu estou falando. Então, acho que se tem que ter o maior cuidado com isso para não jogar pedras no trabalho dos outros. Mas também não podemos adotar uma posição paternalista.

A GAZETA — É preciso evitar o espírito corporativista.

Tadeu — Em relação à crítica de espetáculos, acho que tem duas fases: a paternalista, que foi até 72, 73, que as pessoas que faziam teatro, música, cinema, eram todas pessoas que trabalhavam na imprensa, então era tudo maravilhoso. Era o boa, oba geral. Depois, com a vinda do Cláudio, CBR, e depois com a entrada de espetáculos, pelo menos que me conste, a gente saiu dessa fase paternalista e negativa. Eu não estou pregando a defesa do meu nome, mas a defesa da obra. Então, a gente hoje está por parte de algumas pessoas que militam na crítica, seria a atitude do padrião ao extremo, que muitas vezes leva o público a ser diminuído. Principalmente com os jornalistas. Com o advento do Sindicato diminuiu bastante o negócio de lavar roupa para as pessoas, de se ver um escultando outro. Então, é preciso que também ao movimento artístico, que chegou aos jornalistas chegou ator de uma peça mandando carta para o diretor. O público que vê isso acha o maior baixo nível, desmerece, desprestigia a classe negativa. No meio teatral nosso e também em outras áreas ligadas à cultura.

Oscar — Ainda em cima do que Tinoco falou, concordo que não é tão simples assim, mas a crítica de jornal é importante, vital, fundamental. Sem ela a cultura capixaba certamente estaria relegada ao ostracismo. Hoje em dia os meios de comunicação de massa não são tudo, mas quase tudo. Mas o importante é que essa opinião que o crítico às vezes emite de uma maneira inintencionada, ela corre o risco de tornar-se verdade eterna. No Rio há vários meios de comunicação, um diz uma coisa, outro diz outra. Aqui os meios de comunicação são poucos, o crítico de A GAZETA diz

Kleber — Eu acho difícil Chenier se colocar se é de boa ou má feita aquelas latas de sopa empilhadas que foram prêmio na Bienal.

Tadeu — Do Andy Wharol.

Chenier — Quando eu digo de boa feita ou má feita que eu quero um elemento se dispõe a fazer um determinado tipo de arte, ele deve ter pelo menos uma base que se chama talento para a coisa. Sem isso não existiria o artista.

Oscar — Bom, o que separa a minha geração é que essa geração de críticos que foram bastante influenciados pela nova crítica, pelo existencialismo sartraeano, ela se diferencia bastante de nós porque nós não estamos preocupados com o sentido da coisa, nós estamos preocupados em captar o sistema que está por trás das aparências. Nós estamos preocupados em elaborar um sistema que permita, enfim, a crítica ser científica e isso nunca poderá ser feito no jornal. Mas é isso que a minha geração se diferencia da sua.

Tadeu — O que você está falando é mais a longo prazo. O que acontece em jornal é que há pressão. Há necessidade de fazer primeiro. Então o crítico da GAZETA vai à primeira sessão do ET, sai às 15 horas, volta para o jornal, senta na máquina e às 17 horas tem que entregar a crítica para fechar o jornal.

A GAZETA — Para não levar furo.

Tadeu — Então, acaba sendo elevado a ser superficial. Mas numa segunda crítica no mesmo jornal ou numa revista, a médio prazo, poderá se produzir uma análise mais profunda. Você pode muito bem ser profundo em jornal e ser superficial em livro.

Renato — Eu concordo com isso que Tadeu disse, que considerados estes parâmetros de crítica de jornal, ou seja, comentários de arte, tem sido um pouco estancado. Geralmente você continua a ler o jornal e está lá em negro. "Não deixe de ver" isso ou aquilo. Mas no caso de uma peça de teatro, pode ser que o crítico tenha visto um espetáculo que não foi bem. Isso pode acontecer. Mas a opinião permanece aquela. Em teatro isso é péssimo. As vezes é um músico, coitado, que está estrando e a crítica cai de pau nele. E às vezes nos outros shows ele vai bem, mas ninguém mais vai lá ver. A TV Educativa agora faz umas matérias sobre o projeto seis e meia e ouve a platéia e os comentários são completamente divergentes, uns acham ótimo outros monótono, outros acham que o som não estava bom. Mas as opiniões dos assistentes estão ali, registradas. Eu acho que já estava em tempo de A GAZETA ter um lugar para o leitor também se manifestar sobre os espetáculos.

Chenier — Eu também quero dar conselhos à nova geração (risos gerais): façam assembleias, discutam, desenvolvam o raciocínio crítico.

Tadeu — Que perigoso é quando a crítica tem possibilidade de decidir o destino de um trabalho. O investimento para você montar o espetáculo pode ir por água abaixo, por uma análise superficial.

Kleber — Quando eu questionei o Chenier sobre as latas de sopa, se era uma coisa bem feita ou mal feita, vai depender da intenção do artista. A intenção não está no material em si, porque hoje já se faz obra de arte com material perecível. Em questão de horas já não existe mais. Então, a questão é a ideia, a comunicação. O artista deve ser valorizado não só pelo trabalho dele, mas no sentido da contribuição dele dentro da sociedade, que se supõe que ele seja um revolucionário e que seja à frente.

A GAZETA — O Andy Wharol usou suas latas de sopa e foi um enorme sucesso. E o povo brasileiro, que paga as latas de leite vazias que os filhos, bebês tomam, fazem pilhas e tiram fotos das crianças junto às latas é taxado de kishu, cafona. Quando o óbvio que deveria ser decodificado pelos conhecedores de arte seria: num país em que a mortalidade infantil é a desnutrição assume estas proporções, conseguir tomar todas essas latas de leite e ser um bebê saudável, de repente, é uma raridade.

Oscar — Quem sabe pode-se fazer um resgate crítico dessas fotografias cafonas e de repente um crítico pirado o vai achar uma obra de arte?

Chenier — Que tipo de leite?

A GAZETA — Leite em pó.

Chenier — Você já pensou que registro de arte se perdeu agora?

A GAZETA — O enterro do leite em pó em São Paulo?

Chenier — Exatamente.

A GAZETA — A não deveria dar não só processo como cadeia.

Kleber — Olha eu tenho vindo pelo Brasil e as pessoas aditram muito o espaço que o Espírito Santo dá à arte. Porque em outros lugares, em outras cidades até maiores do que Vitória, isso não acontece.

Renato — Depois que Gleicy e Amylton me chamaram a atenção para isso é que eu passei a perceber. Fomos em algumas cidades, em festivais de teatro e nós é que tínhamos que ir ao jornal dizer que estava acontecendo um festival.

Agostino Lazzaro — Eu queria voltar para a questão que Tinoco tinha colocado antes. Até que ponto a crítica local atende ao movimento artístico na cidade? Eu vejo que a mídia que você está questionando a crítica, você está questionando a função do artista e vice-versa. Não só no Espírito Santo, mas no País a maioria da crítica está muito defasada dos acontecimentos, das mudanças sociais. Ela é ainda muito uma crítica de vitrine, em relação ao acontecimento artístico.

A GAZETA — Você acha que a crítica deve ter uma posição de vanguarda?

Agostino — De vanguarda. Ela deve ser revolucionária, deve instigar as pessoas a participarem desse movimento cultural histórico. Então a crítica está totalmente pequena burguesa. Ela analisa o fato de acordo com o gosto dela.

A GAZETA — Você acha que a crítica tem uma visão burguesa do acontecimento cultural?

Agostino — Ela não é orgânica, ela não participa dos movimentos de massa.

A GAZETA — Então, a partir disso que Agostino está colocando, você acha que a crítica é colonizada?

Kleber — A crítica tem o compromisso de encontrar as relações da obra com a comunidade. De descobrir os elementos que fazem a amarração da obra produzida pelo artista e o meio.

A GAZETA — Porque o que é europeu é que é bom. Esse é tom do Terceiro Mundo.

Renato — O que é formal é que é bom. Se você sair um pouquinho do formal...

Tadeu — Você falando em europeu, a gente tem um exemplo muito forte da Nouvelle Vague, que revolucionou o cinema mundial nos anos 50. Os caras todos a Nouvelle Vague eram críticos de crítica: Truffaut, Godard, Chabrol, todos eles eram críticos do Cahiers du Cinema e, com o tempo, foram fazer cinema. Pouco tempo depois até as novelas da Globo incorporaram...

Oscar — O crítico quando faz a crítica, na maioria das vezes, ele não capta o momento do autor da obra, que é revolucionária. Ele faz sua crítica em cima de parâmetros presentes para analisar uma coisa do futuro. E alí está então o reacionarismo da crítica como o Agostino disse.

Agostino — Eu entendo que deva haver uma inter-relação da crítica com o artista, ou seja, a crítica deve ser orgânica. A mídia que ela mantém essa inter-relação com o movimento cultural, ela está tendo inter-relação com o momento histórico. Ela não será distanciada do momento histórico. Ela vê de acordo com o que ela acha e pronto. Outra coisa que a gente deve ter em mente é que o artista e o crítico são filósofos de seu tempo. A gente está habituado a pensar que o filósofo é aquela pessoa que faz tratados. Mas o pintor, o escultor, eles devem ser pensadores de sua época. Tentar através de sua obra questionar o estabelecido. Eu não consigo ver a crítica dissociada do movimento cultural a nível de organicidade. Só a partir daí você pode ter uma noção desse todo e analisar esse todo.

A GAZETA — Se a arte não fosse revolucionária, não seria artistas e acabar com todas as manifestações culturais não seria o primeiro ato de todas as ditaduras?

Agostino — Grande parte da crítica é como se ela pregasse o stalinismo. Ela dita dogmas, você tem que cumprir aqueles dogmas, você não pode transcender aqueles dogmas. E a cada vez colocava que a arte é irracional. Ela não tem medidas, não pode ter freios. A medida que você freia, a crítica, você mata o artista.